
A QUALIDADE DE VIDA DOS PROFISSIONAIS DE TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO

Edivan Ricardo de Jesus

(Graduado em Tecnologia em Processamento de dados, Pós-Graduando em Engenharia de Software com Ênfase em software livre e docente do curso de Sistemas de Informação da FAHESA)

E-mail: jesus.edivan@gmail.com

No Brasil há três décadas, o mercado tem um profissional que outrora vivia em sala fechada de nome CPD (Centro de Processamento de Dados), e não havia nome específico para sua profissão, a uns era programador, a outros analista de sistemas, mas, com o decorrer do tempo e com o grande avanço tecnológico criou-se o nome Profissional de TI (Tecnologia da Informação), que agrega principalmente funções tais como: Programadores, Analistas de Sistema, Gerentes de Projeto, Técnicos de TI, entre outros. O foco deste trabalho é mostrar algumas situações que prejudicam a vida deste profissional, seja em âmbito de saúde, social e pessoal, buscando apontar algumas soluções.

Palavras-chave: Profissional, Tecnologia de Informação, informática.

In Brazil for three decades, the market has a professional who once lived in lockable room named PDU (Centre for data processing), and there was no specific name for your profession, was a programmer, the other analyst systems, but over time and with the great technological enhancement it was created the name professional information technology, which aggregates mainly functions such as: programmers, system analysts, project managers, technicians, among others. The focus of this paper is to show some situations that affect the life of this professional at health, social and personal aspects, searching for some solutions.

Keywords: Professional, information technology, computer science

1. INTRODUÇÃO

O que se pode entender por qualidade de vida no trabalho (QVT), é um ambiente propício ao desenvolvimento do cidadão quanto trabalhador, seja na forma profissional, educativa ou social. Todos estes três fatores formam a base para um profissional equilibrado e mais produtivo. Há também o fator pecuniário, que também faz parte desta qualidade.

Surgiu no Brasil, duas décadas atrás, um novo tipo de profissão que, com o tempo, teria como nome: Profissional de TI (PTI). Este profissional se enquadra nas mais diversas funções no campo da informática tais como: análise, programação, redes, manutenção nos mais diversos tipos de hardware, etc. Sendo o campo da informática tão vasto com suas mais variadas funções, há grande demanda de trabalho, e, em algumas delas, falta pessoal qualificado para sua execução. Diante deste quadro, os profissionais já engajados, em sua grande maioria, tem muitas vezes grande carga de trabalho e de

responsabilidade, com isto, estes profissionais vão se desgastando a ponto de alguns abandonar este ramo de trabalho. Àqueles que persistem vivem muitas vezes com esgotamento físico e mental, não tendo tempo, muitas vezes, para seus projetos pessoais.

2. COTIDIANO DO PROFISSIONAL DE TI

Dentre as várias funções relativas ao PTI já citadas à cima ressaltarei duas nas quais pude vivenciar e acompanhar de perto. Uma é o Programador, ou para muitas Software House (SH)¹, Analista/Programador e a outra é o Administrador da rede (AR).

2.1 Da crise do software

Para entender a vida de um programador é importante voltar a quatro décadas atrás e trazer o fator da crise do software, que “historicamente tem aludido a um conjunto de problemas recorrentemente enfrentados

no processo de Desenvolvimento (construção, implantação e manutenção) de Software” (MAFFEO, 1992, p. s.n).

Esses problemas não se referem apenas a programas que não funcionam. Na verdade, a chamada crise do software abrange todos os problemas relacionados a: como sistemas computacionais são construídos; como sistemas computacionais são implantados, referindo-se aqui ao processo de substituir sistemas antigos, desativando sistemas correntemente e operação, ou ao processo de instalar um sistema inteiramente novo, como é provida a manutenção da quantidade crescente de software construído, associado a sistemas computacionais cada vez mais complexos; como fazer face à crescente demanda para construção de software, visando satisfazer o conjunto enormemente variado de anseios por informatização atualmente detectada na sociedade moderna; como administrar as questões comportamentais, envolvendo os clientes ou usuários e a política, cultura e filosofia organizacional (RESENDE, 2005, p. 9).

2.2 Do programador

Fazendo esta pequena análise sobre a crise do software, referencio em primeiro ao programador, que tem por função, fazer, mediante a programação, toda a análise do programa funcionar. Deveras que este deveria, apenas cuidar de fazer as partes do programa funcionar. Apenas programar, o que já foi proposto pelo analista, mas, na prática não é bem assim. Em muitas SH ainda se aplica o conceito Analista/Programador, que, além de fazer análise do software e programar, tem, em alguns casos, também que pensar como construir o banco de dados, e, ainda em casos mais críticos, ir ao cliente fazer desde demonstrações a propriamente implantar o sistema e fazer treinamento do pessoal, isto quando, o sistema a ser implantado não está substituindo outro já existente, o que causa toda tensão em não perder dados, etc. Além disso, os curtos prazos estabelecidos, prazos estes, às vezes impossível de se cumprir, tem obrigado este profissional a ficar ainda mais tempo na empresa, chegando a situação de ficar até 24 horas ou mais

trabalhando, casos estes que já presenciei. E isto, vai contra o que Oliveira e co-autores (2004, p. 165) exprimem como trabalho e espaço total de vida, na qual é observada a jornada de trabalho e a vida em família.

Daí, as boas práticas de Engenharia de Software ensinadas na vida acadêmica, não são aplicadas, o que acarreta mais retrabalho, menos qualidade e grandes dores de cabeça. Para aqueles que moram em grandes centros como São Paulo, soma-se também o desgaste no trânsito, na ida para o trabalho ou na volta para casa. Fica difícil cobrar mais criatividade de um profissional, com estes desgastes acima ressaltados, onde, pelo contrário, deveria ter mais tempo e menos pressão, para poder exercer melhor sua função. Parece absurdo, mas isto existe.

2.3 Do administrador da rede

Quanto àqueles que são AR, a história não muda muito. Muitas vezes, não tem sua vida pessoal respeitada, sendo, por exemplo, acordado na madrugada, pois o servidor parou e não tinha ninguém para resolver. Quase não há fim de semana ou feriado, principalmente, quando algo novo está sendo implantado na empresa, além de que, grande é a responsabilidade atribuída, uma vez que cuida para que todo fluxo de dados da empresa seja utilizado com rapidez e segurança. Aliás, segurança é outro fator que tira muitas vezes o sono do AR, tendo que cuidar para que gamas de vírus, spyware, trojan e worm² não invadam a rede, tendo de fazer assim um necessário trabalho de bloqueio de muitas coisas que usuários comuns gostam de acessar, e isto, entre os colegas de trabalho o colocam como *persona non grata*³. Em alguns casos tem que cuidar também do Banco de Dados fazendo backup diário. Fatores de tanta responsabilidade o colocam na pressão de tudo funcionar bem e sem falhas.

Podemos compará-lo, ao ser chamado a qualquer momento, ao médico que tem que atender com urgência um paciente que está em estado grave, o que para o AR são os servidores de empresa, só que, com a diferença que este profissional ganha pouco na maioria dos casos, para a gama de responsabilidades atribuídas.

2.4 Treinamentos e capacitação

Outro fator que ajuda a aumentar o desgaste de ambas funções citadas é a falta de treinamentos e capacitação deste contingente. Em muitos casos, conta-se com uma gama de profissionais que buscam em livros, fóruns e outros recursos, para poder aprimorar seu conhecimento, além das situações diárias, tudo muito de forma autodidata. Falta em muitas empresas, uma decisão de contribuir para formação destes profissionais, seja desde um curso de idiomas, a estudos aprofundados sobre o trabalho a qual desenvolve. Muito destes profissionais não tem a condição financeira de pagar cursos com custos elevados, a exemplo, temos cursos para certificação Linux entre outros. Empresas que investem em treinamentos e capacitação, bem como, no bem estar do ambiente de trabalho, tende a ter profissionais mais contentes e com vontade de aplicar tudo aquilo que aprenderam.

3. BUSCANDO SOLUÇÕES

Ao falar da crise do software, Rezende (2005, p. 11) propõe uma anti crise na qual “resume-se na união e o trabalho conjunto e harmonioso de três elementos: empresa ou organização (principalmente a alta administração), cliente ou usuário e a unidade ou departamento de informática (desenvolvedores de soluções)”. Isto em relação ao programador, é necessário como já foi dito, definir de forma concisa os papéis tais como: gerente de projetos, analista de sistema, programador (fazendo sua real função), os testadores e aqueles que vão dar suporte e implantar o sistema. Deveras, que pode aumentar no custo com pessoal, mas, terá como aplicar de forma consciente as boas práticas de engenharia de software, diminuindo assim o retrabalho e tendo mais qualidade no software desenvolvido.

Ao AR, também é necessário aumentar o contingente, investindo na qualificando destes profissionais, principalmente nos quesitos de segurança e tendo uma escala de serviço, para que todos possam ter uma vida pessoal sadia e menos estressante.

4. CONCLUSÃO

O presente escrito não vem com o intuito de reivindicação trabalhista, mas, com o propósito de se refletir a QVT do PTI, que, não é uma máquina, apenas trabalha com elas; refletir que este profissional tem família, projetos pessoais, que ele precisa dormir, e que, colocá-lo sobre pressão não traz benefícios, ao contrário, vai gerando na pessoa uma situação de stress que França e Rodrigues (2007, p. 30) denominam como “o estado do organismo, após o esforço de adaptação, que pode produzir deformações na capacidade de resposta atingindo o comportamento mental e afetivo, o estado físico e o relacionamento com as pessoas”.

Portanto adotar políticas que estimulem este funcionário a ter melhores condições de trabalho, bem como, ferramentas físicas e de conhecimento, não melhoram apenas sua QVT, mas contribuí diretamente a qualidade dos serviços da empresa.

5. BIBLIOGRAFIA

- REZENDE, Denis Alcides. **Engenharia de software e sistemas de informação** 3. ed Rio de Janeiro: Brasport, 2005.
- FRANÇA, Ana Cristina Limongi; RODRIGUES, Avelino Luiz. **Stress e trabalho: uma abordagem psicossomática** 4. ed São Paulo: Atlas, 2007.
- MAFEO, B. **Engenharia de software e especificação de sistemas**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- OLIVEIRA, Otávio José de; PALMISANO, Ângelo; FABRÍCIO, Márcio Minto; MAÑAS, Antonio Vico; MACHADO, Márcio Cardoso; MODIA, Esther Cabado. **Gestão da qualidade: tópicos avançados**. Cengage Learning Editores, 1994.

6. NOTAS

¹ Empresa que constrói softwares para diversos fins

² Vírus não é um programa pronto precisando de outro para infectar a máquina; Spyware são programas espiões que mandam informações da máquina; Trojan vem do termo Trojan Horse também chamado cavalo de Tróia e alusão a história faz com que sejam abertas máquina portas para futuras invasões; Worm é ao contrário do vírus um programa completo para se auto propagar e infectar a máquina

³ Termo em Latin que significa pessoa não bem-vinda.

